

PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ENFERMEIROS JOVENS E EXPERIENTES

PLEASURE AND SUFFERING AT WORK: A COMPARATIVE STUDY BETWEEN YOUNG AND EXPERIENCED NURSES

Kely César Martins de Paiva

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

kelypaiva@face.ufmg.br

Marcelo de Souza Ramos

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

marceloramos@ufam.edu.br

Thaís Pinto da Rocha Torres

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

thaisrtorres@hotmail.com

Gabriel Fernandes Faria

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

sociogff@gmail.com

Fabiula Meneguete Vides da Silva

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

fabulamv@yahoo.com.br

Submissão: 13/09/2023

Aprovação: 03/10/2024

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar como se encontram configuradas as dimensões de prazer e de sofrimento no trabalho de enfermeiros, considerando-se diferenças geracionais e o contexto da pandemia Covid-19. Pautando-se na abordagem de Prazer e Sofrimento no Trabalho de Mendes e Ferreira (2007), realizou-se uma pesquisa de campo, descritiva, de natureza quantitativa. O estudo foi aprovado em Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE 46255521.1.0000.5020, parecer 4.710.982). A amostra contou com 141 questionários respondidos por enfermeiros Jovens (idade ≤ 29 anos) e 345 por Experientes (idade ≥ 30 anos), trabalhadores da cidade de Manaus (AM, Brasil). Os dados foram submetidos a análise estatística uni e bivariada e os resultados indicaram maiores percentuais de respondentes em níveis críticos para todas as variáveis das quatro dimensões consideradas (contexto, custos, vivências e danos). Contrariando, em certa medida, a literatura de diferenças geracionais, foi identificada uma única diferença estatisticamente significativa: os jovens enfermeiros apresentaram maiores danos sociais em comparação com seus colegas mais experientes.

Palavras-chave: Prazer e sofrimento no trabalho. Enfermagem. Gerações. Jovens trabalhadores.

ABSTRACT

This study aimed to analyze how the dimensions of pleasure and suffering are configured in the work of nurses, considering generational differences and the context of the Covid-19 Pandemic. Based on the theoretical approach of Pleasure and Suffering at Work by Mendes and Ferreira (2007), a descriptive, quantitative field research was carried out. The study was approved by the Research Ethics Committee (CAAE 46255521.1.0000.5020, opinion 4710982). The sample had 141 questionnaires answered by young nurses (age ≤ 29 years) and 345 by experienced nurses (age ≥ 30 years), all of them working at Manaus (AM, Brasil). Data were analyzed based on univariate and bivariate statistical analysis and the results indicated higher percentages of respondents at critical levels for all variables of the four dimensions considered (context, costs, experiences and harm). Contradicting, in a way, the literature on generational differences, only one statistically significant difference was identified: young people showed more social harm than their experienced peers.

Keywords: Pleasure and suffering at work. Nursing. Generations. Young workers.

1. Introdução

Nos últimos tempos, os modos de trabalho mudaram profusamente, o que gerou grandes impactos nas vivências dos trabalhadores. As organizações caminharam para uma constante intensificação e flexibilização, criando uma confusão entre os limites do trabalho. Desse modo, o tempo de trabalho coloca-se em paulatina assincronia aos demais tempos sociais, como o da família, lazer e a educação (CARDOSO, 2010; PAIVA, 2019). Assim, os trabalhadores encontram-se em conflito com o ser e o fazer. Esta condição soma-se ao desemprego estrutural, a precarização do trabalho e às próprias questões subjetivas dos sujeitos, levando à desarmonia entre prazer e sofrimento (DOURADO; HONÓRIO, 2019).

O prazer, na psicodinâmica do trabalho, é um princípio mobilizador que conduz os indivíduos a autonomia, a realização e ao reconhecimento dentro do ambiente no qual estão inseridos (DEJOURS, 2011). Entretanto, o trabalho, em sua completude, não representa apenas elementos de prazer e conforto. A realidade laboral também é marcada por conflitos e sofrimentos.

Dessa forma, para Dejours (2012), o sofrimento liga-se a experiências direcionadas ao fracasso, à insegurança e à insatisfação. Dentro do ambiente de trabalho, os indivíduos vivenciam questões como solidão e assédio, bem como falta participação nas tomadas de decisão, pouca liberdade criativa e carência de reconhecimento (DOURADO; HONÓRIO, 2019; PAIVA; SANTOS, 2020).

Nesse sentido, o prazer e sofrimento são observados nos diversos contextos ocupacionais, incluindo a área da enfermagem. Nesse campo, os enfermeiros enfrentam uma combinação de angústias, que vão desde a desvalorização da profissão até a natureza exaustiva e emocional de suas tarefas, marcadas por intensas interações com pacientes, colegas e superiores (SILVA; GONÇALVES; ZONATTO, 2017). Ademais, tal conjuntura pode ter sido intensificada devido aos impactos da pandemia Covid-19, na qual foi gerada uma sobrecarga no sistema de saúde e, consequentemente, evidenciou-se o prazer e sofrimento nos modos de trabalho dos profissionais da saúde.

Além disso, o escopo de análise pode ser ampliado ao pensar nas diferenças geracionais (ABRAMO, 2016). Em um contexto de contínuas mudanças, examinar sobre a óptica das gerações faz-se basilar para o entendimento das diferenças nas percepções sobre as relações de trabalho e a forma como elas se comunicam com o bem-estar e as dores do trabalhador.

Diante da importância das vivências de prazer e de sofrimento no ambiente laboral e das especificidades da categoria profissional abordada, potencializada pelas diferenças geracionais, a pergunta que norteou a pesquisa foi: “Como se encontram configuradas as dimensões de prazer e de sofrimento no trabalho de enfermeiros, considerando-se as diferenças geracionais?”

Com o intuito de responder tal questionamento, o objetivo geral da pesquisa foi analisar como se encontram configuradas as dimensões de prazer e de sofrimento no trabalho de enfermeiros, considerando-se as diferenças geracionais, ou seja, comparando-se profissionais jovens com seus pares mais experientes.

Dentre as justificativas do estudo, salientam-se as de cunho teórico-conceitual e as pragmático-organizacionais. No primeiro grupo, destaca-se a importância das pesquisas sobre prazer e sofrimento para investigar as vivências laborais e os possíveis impactos negativos na saúde do trabalhador (CAMPOS; DAVID; SOUZA, 2014), principalmente dos profissionais da enfermagem (CARVALHO et al., 2017; SATO et al., 2020; SOUZA et al., 2021), uma vez que estudos sobre esse grupo de trabalhadores podem estimular o debate sobre as situações de sofrimento às quais eles são submetidos e proporcionar a criação de estratégias para alterar essa

realidade e melhorar a qualidade de vida e de trabalho desses profissionais (KESSLER; KRUG, 2012). No campo pragmático-organizacional, os resultados podem contribuir para aprimorar as políticas e práticas de gestão de pessoas, ao revelar os níveis de prazer e sofrimento no trabalho entre enfermeiros, além de identificar possíveis diferenças relacionadas à diversidade geracional.

Por fim, cabe reforçar que estudos sobre gerações ainda são escassos no campo da saúde, ainda que tal categoria seja considerada uma das construções sociais que mais influenciam o processo de saúde-adoecimento (COSTA; COUTO, 2015).

Este artigo foi organizado em cinco seções. A primeira é a introdução, seguida pelo referencial teórico, que aborda os principais conceitos relacionados aos temas em foco. Em seguida, é apresentado o percurso metodológico. Posteriormente, ocorre a apresentação e análise dos dados, e, por fim, são expostas as considerações finais do estudo.

2. Sobre Prazer e Sofrimento no Trabalho

Os trabalhadores estão sujeitos a fontes de prazer e de sofrimento no ambiente laboral e, de acordo com a subjetividade de cada indivíduo, manifestam reações distintas às condições de trabalho a que são submetidos. Enquanto alguns sofrem e adoecem, outros conseguem minimizar o impacto negativo, ressignificando essa experiência de forma a torná-la mais prazerosa e reduzindo, assim, a possibilidade de adoecimento (DEJOURS, 2009).

Conceitualmente, a análise das vivências de prazer e sofrimento nos espaços laborais são embasadas pela psicodinâmica do trabalho, abordagem que surgiu, inicialmente, como extensão teórica da psicopatologia do trabalho (MERLO; MENDES, 2009). A psicopatologia do trabalho analisava a relação causal existente entre a atividade laboral e o adoecimento psíquico. Por sua vez, a psicodinâmica está direcionada à investigação do sofrimento que surge nas relações subjetivas dos indivíduos com o trabalho (DEJOURS, 2009). De forma complementar, Mendes (2007, p. 30) afirma que os estudos da psicodinâmica do trabalho pautam-se nas “relações dinâmicas entre organização do trabalho e processos de subjetivação, que se manifestam nas vivências de prazer-sofrimento, nas estratégias de ação para mediar contradições da organização do trabalho, nas patologias sociais, na saúde e no adoecimento”.

O avanço da psicodinâmica do trabalho pode ser dividido em três fases distintas. A primeira fase, ocorrida na década de 1980, focou na análise do sofrimento causado pelo conflito com a organização do trabalho, bem como na identificação das estratégias defensivas, tanto individuais quanto coletivas, que os trabalhadores desenvolvem para enfrentar esse sofrimento. A segunda fase, nos anos 1990, expandiu o entendimento do trabalho como um elemento central na construção da identidade pessoal dos indivíduos e como um fator de influência significativa nas experiências de prazer e de sofrimento. A terceira e atual fase, iniciada no final dos anos 1990 e ainda em curso, caracteriza-se pelo reconhecimento e disseminação da psicodinâmica do trabalho como uma ferramenta essencial para investigar as implicações do trabalho nos processos de subjetividade, adoecimento psicossocial, saúde e bem-estar dos trabalhadores (MENDES, 2007).

Segundo Vieira (2014), a violência psicológica e as perversidades nas organizações muitas vezes são disfarçadas por discursos que seduzem os trabalhadores com soluções superficiais e instantâneas para a identificação de fontes de estresse e o alívio de pressões e sobrecargas. Exemplos dessas abordagens incluem treinamentos superficiais sobre qualidade de vida que incentivam os funcionários a “pensar grande” para alcançar o sucesso organizacional, além de promoverem a adoção de hábitos como uma dieta saudável, prática regular de atividades físicas e participação em atividades culturais, como ir ao teatro ou a concertos de música. O problema não está na eficácia dessas atividades, mas no uso de discursos romantizados ou

aparentemente inofensivos que podem mascarar intenções subjacentes, como a ocultação de condições de trabalho precárias (VIEIRA, 2014).

Diante desse contexto, Mendes e Ferreira (2007) verificaram a necessidade de criação de um instrumento que permitisse o diagnóstico dos riscos à saúde no trabalho em grande escala. Assim, os autores elaboraram e validaram o Inventário sobre Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA), composto por quatro escalas que avaliam os fatores no processo de adoecimento: Escala de Avaliação do Contexto de Trabalho (EACT); Escala de Custo Humano no Trabalho (ECHT); Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho (EIPST); e a Escala de Avaliação dos Danos Relacionados ao Trabalho (EADRT).

No Brasil, pesquisas recentes analisaram o prazer e sofrimento dos trabalhadores em diversos contextos, tais como: startups (TELES et al., 2021), setor público (BOTTINI; PAIVA; GOMES, 2021), contabilidade (ZONATTO et al., 2021) e instituições federais de ensino superior (DARIO; LOURENÇO, 2018).

Na área da enfermagem, Campos, David e Souza (2014) analisaram os fatores antecedentes do prazer e sofrimento para o enfermeiro intensivista. As autoras utilizaram as quatro escalas que compõem o ITRA e os resultados evidenciaram que os 44 enfermeiros respondentes avaliam de forma satisfatória a liberdade de expressão e a realização profissional, ambos fatores relacionados ao prazer no trabalho. Por outro lado, para os fatores de sofrimento, o esgotamento profissional revelou-se crítico e a falta de reconhecimento satisfatória.

Outros estudos quantitativos analisaram, por exemplo, o prazer e sofrimento de enfermeiros no cuidado à pessoa com transtorno mental e à família (NÓBREGA et al., 2021) e trabalhadores de enfermagem da sala de recuperação pós-anestésica (BUSS et al., 2019), assim como pesquisas qualitativas que abordaram a equipe técnica de enfermagem do centro de terapia intensiva (FONTENELE et al., 2020), o prazer e o sofrimento no trabalho do enfermeiro hospitalar (ALMEIDA, 2018), o conflito na relação entre trabalho e família, a ansiedade em contexto da pandemia Covid-19 sob análise quantitativa (FABRÍCIO et al., 2023) e a influência das vivências de prazer e sofrimento na comunicação interpessoal de enfermeiros e outros profissionais de saúde e/ou das equipes multiprofissionais (PIMENTA et al., 2020).

3. Sobre Gerações e Trabalho

Ainda no século XX, Karl Mannheim (1928) externou uma das principais contribuições à conceituação de geração (OLIVEIRA; PICCININI; BITENCOURT, 2012). Segundo o autor, indivíduos pertencentes à mesma geração estão ligados por uma convergência na dimensão histórica do processo social (MOTTA, 2004). Assim, esse escopo de análise é basilar para compreensão da dinâmica das mudanças sociais de determinada época (OLIVEIRA; PICCININI; BITENCOURT, 2012), uma vez que as gerações são produtos específicos de seu tempo.

Em suma, o conceito de geração é definido como uma identidade histórica média, que aglutina um conjunto de pessoas com mesma experiência, valores comuns e proximidade cultural (FORQUIN, 2003). No entanto, devido a fatores socioeconômicos, existem segmentos dentro de uma geração que seguem posturas e caminhos diferentes (MOTTA, 2004). Em outras palavras, as características específicas de uma geração podem variar em contextos sociais e políticos distintos, refletindo heterogeneidades dentro de um mesmo grupo geracional.

Hoje, observam-se grandes mudanças entre as pessoas em um espaço temporal menor que 10 anos. Antes, essa transição acontecia em espaços de 20 a 30 anos. O acelerado desenvolvimento tecnológico, sobretudo pela digitalização das relações sociais, delimita as

gerações em períodos cada vez mais curtos (MOTTA, 2004). Dentro do ambiente laboral, essas diferenças se tornam nítidas e passíveis de ampla análise.

Entretanto, uma geração não se constrói apenas pela data de nascimento de seus integrantes. De acordo com Oliveira, Piccinini e Bitencourt (2012, p. 553), há dois fatores que contribuem para essa formação: “eventos históricos que quebram a continuidade formando uma ideia de antes e depois na vida social, e a forma como esses eventos são vivenciados pelos diferentes grupos etários”. Corroborando, Barbosa, Lara e Paiva (2020) realizaram uma pesquisa comparativa com grupos de jovens de São Paulo e Curitiba e concluíram que tais grupos de mesma faixa etária possuem percepções temporais distintas que os levam a comportamentos diferentes. Isso pode acontecer em decorrência de peculiaridades regionais, culturais ou de outros fatores como gênero, etnia, local de moradia e acesso à escolaridade.

Em termos de critérios objetivos, não existe um consenso para definir a faixa etária que corresponda à juventude (THOMÉ; TELMO; KOLLER, 2010, PARRY; URWIN, 2011; DENCKER; JOSHI; MARTOCCHIO, 2008). De acordo com o Estatuto da Juventude no Brasil, considera-se jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos, representando cerca de 22% da população brasileira, ou seja, o equivalente a mais de 45 milhões de pessoas, segundo dados do IBGE (2022); já a Organização das Nações Unidas (ONU) classifica a faixa etária entre 15 e 24 anos como entendimento médio de juventude (ABRAMO, 2016).

Na juventude, o trabalho torna-se um importante instrumento de socialização, aprendizado e atribuição de responsabilidades, se posicionando em relação a vida adulta e no futuro enquanto trabalhador (OLIVEIRA, 2011). Os jovens trabalhadores buscam por inserção social, por ordem moral e financeira, projetando independência em uma posterior fase adulta (WICKERT, 2006).

Contudo, as instabilidades econômicas, a crescente precarização do trabalho e o crescimento incessante desemprego elevam a vulnerabilidade social e a exclusão (THOMÉ; TELMO; KOLLER, 2010), principalmente, daqueles que apresentam maior debilidade nas relações de trabalhistas, como é o caso dos jovens. Embora existam prescrições legais, a carreira profissional do jovem trabalhador é marcada por inseguranças, instabilidades e precariedades (WICKERT, 2006). Para mais, evidencia-se a baixa remuneração, enfrentando jornadas exaustivas, além da dificultosa conciliação com os estudos (BARBOSA; LARA; PAIVA, 2020).

4. Metodologia

A pesquisa realizada foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (CAAE 46255521.1.0000.5020, parecer 4.710.982), sendo todos os preceitos éticos observados na entrada e na saída do campo, como rezam as Resoluções nºs 466 (CNS, 2012) e 510 (CNS, 2016), que tratam de pesquisas com seres humanos no Brasil. Ela caracteriza-se como descritiva, de campo e com abordagem essencialmente quantitativa (RICHARDSON, 1999; TRIVIÑOS, 1987).

A unidade de análise constituiu-se pelos enfermeiros da empresa ENFA (nome fictício para guardar sigilo) e a unidade de observação foram os enfermeiros que responderam ao questionário. A coleta de dados ocorreu entre 27 de julho a 31 de agosto de 2021. Foi aplicado um pré-teste entre os dias 01 e 26 de julho de 2021, cujo retorno promoveu pequenos ajustes, como correção de palavras ou frases e validação das questões. Com o apoio da gestão da ENFA, foram enviadas mensagens para todos(as) enfermeiros(as) da empresa, convidando-os a participar dessa ação. Esta população era de cerca de 900 profissionais quando do início da coleta de dados. O cálculo amostral, considerando-se 95% de confiabilidade e 5% de margem de erro, resultou em uma amostra mínima necessária de 270 questionários válidos.

Os participantes da pesquisa, após lerem e concordarem com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinalavam sua concordância e recebiam eletronicamente o referido termo. Mesmo com a exclusão dos questionários incompletos e com erros de preenchimento, o retorno dos(as) enfermeiros(as) superou a amostra mínima, contabilizando 486 respostas válidas no total, que compõem a amostra final desta pesquisa. Ela foi subdividida em dois grupos, a saber: a subamostra Jovens, com enfermeiros com até 29 anos (141 respondentes), e a subamostra Experientes, com enfermeiros com mais de 30 anos (345 respondentes).

Quanto aos critérios de inclusão, foram considerados participantes os(as) profissionais enfermeiros(as) com idade igual ou superior a 18 anos e que atuam na profissão e na empresa há, pelo menos, 6 meses. A não concordância com o TCLE constituiu o primeiro critério de exclusão. Além deste, ter qualquer condição aguda ou crônica que limite a capacidade do sujeito em participar do estudo, bem como profissionais que estiverem de licença médica, licença maternidade e/ou férias no período da coleta de dados, foram excluídos da amostra.

O questionário foi composto por duas partes: a primeira, com questões sociodemográficas e profissionais; a segunda, com o Inventário sobre Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA), validado por Mendes e Ferreira (2007), no qual o respondente tinha que avaliar as afirmativas propostas em quatro blocos (contexto, custos, vivências e danos) a respeito de sua relação com sua organização por meio de uma escala do tipo Likert de 5 pontos, assinalando do “1 – nunca” ao “5 – sempre” ou “1 – nada exigido” ao “5 – totalmente exigido”.

Os dados foram organizados com auxílio do Excel (Microsoft 365) e o tratamento estatístico dos dados deu-se com a utilização do software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS®), versão 23.0. Foram calculadas as estatísticas descritivas univariadas, considerando o desvio padrão em relação ao ponto médio, o que permitiu determinar os valores mínimos e máximos dos intervalos de confiança. As estatísticas bivariadas foram obtidas utilizando o teste não paramétrico de Mann-Whitney, uma vez que o teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov indicou que a amostra não seguia uma distribuição normal.

O objetivo foi testar as hipóteses do estudo, verificando se existem diferenças entre as subamostras independentes, Jovens e Experientes, no que se refere à vivência de aspectos de prazer e sofrimento no trabalho. Assim, partiu-se da hipótese nula de não existirem diferenças significativas (p -valor acima de 0,05) entre as duas subamostras no que tange ao modo como percebem tais vivências no trabalho e, como hipótese alternativa, a existência de diferenças significativas (p -valor abaixo de 0,05) entre as subamostras, como informa a literatura do campo (HAIR Jr. et al., 2005).

5. Apresentação e análise dos dados

Quanto ao perfil dos respondentes do questionário, separados nas subamostras Jovens e Experientes, as maiorias foram, respectivamente, sexo feminino (64,5% e 58,6%), com pós-graduação (61,7% e 57,4%), pardos (58,6% e 50,1%), solteiros (47,5% do Jovens) e casados (36,4% dos Experientes). Em relação aos dados ocupacionais, no tempo de trabalho total, destaca-se que as maiorias dos respondentes possuem menos de 5 anos (58,9% dos Jovens e 54,4% dos Experientes), trabalham há menos de 5 anos como enfermeiros (62,4% e 58%, respectivamente) e trabalham há menos de 5 anos (63,1% e 58,8%, respectivamente) na ENFA, com rendimentos entre 2 e 4 salários-mínimos (78,4% e 70,8%, respectivamente). Segundo os respondentes, eles estão muito satisfeitos com a ENFA (48,2% e 49,0%, respectivamente) e satisfeitos no posto de trabalho (47,5% e 49%, respectivamente), com atuação predominante em

áreas de urgência de hospital (61,7% e 56%, respectivamente), sem atuarem diretamente com pacientes de Covid-19 (98,6% e 99,1%).

Como pode-se observar na Tabela 1, na qual constam as medidas de posição (médias e medianas) e a de dispersão (desvio-padrão, DP), a maior parte das respostas não variou no interior nas subamostras, tendo em vista os desvios-padrão inferiores a 1,00. Após a realização dos testes de comparação, apenas um retorno foi considerado significativo (p-valor 0,017, ou seja, menor que 0,05), a saber, Danos Sociais. Este tipo de dano foi percebido de modo significativamente maior pelos Jovens enfermeiros, quando comparados aos seus pares mais Experientes, o que pode retratar o lado gregário e social desse grupo em relação aos mais velhos, talvez já acostumados a convívios menos frequentes e mais restritos, ainda mais considerando-se o isolamento social imposto pela pandemia Covid-19.

Na Tabela 1 a seguir, são apresentados os dados detalhados.

Tabela 1: Medidas descritivas de Prazer e Sofrimento no trabalho, por subamostras, e resultados dos testes de comparação (p-valor)

Subamostras Medidas		Jovens			Experientes			p- valor
		Média	Mediana	DP	Média	Mediana	DP	
Contexto	Organização do trabalho	1,91	1,64	0,72	1,83	1,64	0,69	0,183
	Relações socioprofissionais	1,73	1,50	0,64	1,68	1,50	0,57	0,811
	Condições de trabalho	1,83	1,60	0,72	1,75	1,50	0,66	0,143
Custos	Custo afetivo	1,79	1,50	0,68	1,71	1,50	0,63	0,382
	Custo cognitivo	1,94	1,60	0,95	1,85	1,60	0,88	0,438
	Custo físico	1,83	1,50	0,86	1,77	1,50	0,75	0,751
Prazer e Sofrimento	Liberdade de expressão	4,67	4,88	0,52	4,67	4,88	0,58	0,954
	Realização profissional	4,79	5,00	0,49	4,80	5,00	0,56	0,254
	Esgotamento profissional	2,20	2,00	0,65	2,16	2,00	0,60	0,593
	Falta de reconhecimento	1,73	1,50	0,74	1,70	1,50	0,70	0,411
Danos	Danos físicos	1,76	1,58	0,64	1,68	1,50	0,60	0,083
	Danos Sociais	1,66	1,57	0,53	1,58	1,43	0,50	0,017*
	Danos Psicológicos	1,60	1,50	0,45	1,57	1,50	0,50	0,129

Fonte: Dados da pesquisa.

* Comparação significativa ao nível de 0,05.

Outra possibilidade de análise dos dados é caracterizando as subamostras pelos percentuais de respondentes por níveis de análise. Os limites máximos e mínimos de cada nível – grave, crítico ou satisfatório – foram calculados a partir dos intervalos de confiança de cada amostra, como feito pelos validadores do questionário, Mendes e Ferreira (2007), ou seja: o limite inferior foi resultado da diminuição de um desvio-padrão da média apurada em cada variável e o limite superior pela soma de um desvio-padrão à cada média. Assim, médias abaixo do limite mínimo foram consideradas graves, acima do limite máximo consideradas satisfatórias e, entre um e outro, críticas. Note-se que todas as variáveis de todas as dimensões tiveram percentuais de respondentes preponderantemente em níveis críticos, o que enseja atenção a tais aspectos, individual e coletivamente considerados. A Tabela 2 exibe tais resultados detalhadamente.

Tabela 2: Percentuais de respondentes, por nível de avaliação de Prazer e Sofrimento no trabalho, por subamostras

Subamostras Medidas		Jovens			Experientes		
		Grave	Crítico	Satisfatório	Grave	Crítico	Satisfatório
Contexto	Organização do trabalho	18,44	80,85	0,71	14,49	84,35	1,16
	Relações socioprofissionais	15,60	80,14	4,26	9,28	88,99	1,74
	Condições de trabalho	15,60	81,56	2,84	11,30	87,83	0,87
Custos	Custo afetivo	14,89	83,69	1,42	11,59	86,67	1,74
	Custo cognitivo	19,15	80,85	0,00	14,20	85,80	0,00
	Custo físico	14,89	85,11	0,00	12,75	87,25	0,00
Prazer e Sofrimento	Liberdade de expressão	14,18	85,82	0,00	13,04	86,96	0,00
	Realização profissional	13,48	86,52	0,00	11,88	88,12	0,00
	Esgotamento profissional	15,60	80,14	4,26	9,28	87,83	2,90
	Falta de reconhecimento	13,48	86,52	0,00	8,99	91,01	0,00
Danos	Danos físicos	12,77	85,82	1,42	8,12	89,57	2,32
	Danos Sociais	9,93	84,40	5,67	6,38	87,83	5,80
	Danos Psicológicos	9,22	82,27	8,51	5,80	86,67	7,54

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir desses dados, é possível perceber que as vivências de prazer e sofrimento no trabalho, que perpassam o contexto em que ele é realizado pelos enfermeiros abordados, bem como os custos, as experiências de prazer e sofrimento e os danos em si encontram-se em níveis críticos, o que certamente está conectado com o macrocontexto, social e econômico, decorrente das incertezas, dos medos e das surpresas da Pandemia Covid-19. Tal resultado contrapõe-se aos achados de Glanzner et al. (2017), que analisaram o prazer e o sofrimento em trabalhadores que atuam em equipes de Saúde da Família de Porto Alegre (RS). Os autores identificaram que as dimensões realização profissional, liberdade de expressão e reconhecimento foram consideradas satisfatórias; já o esgotamento profissional foi moderado para os respondentes. No caso da pesquisa aqui apresentada, infere-se que essa diferença se deve ao contexto pandêmico durante a coleta dos dados.

Em contrapartida, uma pesquisa conduzida por Gonçalves et al. (2015) com trabalhadores da saúde mental identificou que, entre os fatores relacionados ao prazer, a gratificação foi o único que apresentou uma média considerada satisfatória, enquanto a liberdade, o desgaste e a insegurança apresentaram médias moderadas e críticas. Note-se que os resultados dos fatores liberdade e desgaste se aproximam dos achados no presente estudo para as duas subamostras nos fatores liberdade de expressão e esgotamento profissional.

Importante destacar o comentário de Souza et al. (2021) a esse respeito. Os autores frisam que o cenário de enfrentamento à pandemia tem evidenciado as questões históricas que os trabalhadores de enfermagem se deparam, como as más condições de trabalho, a extensão da jornada laboral, o enquadramento de pessoal, a remuneração e a perceptibilidade social da categoria. Mais especificamente, Centenaro et al. (2023) salientam que, para além da morbimortalidade dos doentes de Covid-19, vivências de sofrimento relacionadas à organização do trabalho (insatisfação com a equipe e a instituição, falta de reconhecimento e desvalorização) foram recorrentes para os enfermeiros que atuaram nesse contexto, resultado que corrobora os achados aqui apresentados. Soma-se a isso outras questões mencionadas por Carvalho et al. (2017), quais sejam: falta de funcionários, falta de equipamentos e materiais, e falta de reconhecimento profissional. Todo esse cenário acaba por comprometer de modo mais contundente as experiências dos Jovens, basta se comparar os percentuais de respondentes das subamostras em níveis graves.

Por outro lado, e mesmo levando-se em consideração que a literatura de diferenças geracionais informa percepções e comportamentos diversificados entre profissionais jovens e mais experientes (SILVA et al., 2014), os resultados dos testes de comparação entre as subamostras retornaram p-valores não significativos (à exceção de danos sociais, conforme já mencionado anteriormente), fato que indica a constatação de que, em termos de prazer e sofrimento no trabalho, enfermeiros Jovens e seus pares mais Experientes possuem vivências similares na ENFA.

6. Considerações finais

Visando o objetivo de analisar como se configuram as dimensões de prazer e sofrimento no trabalho dos enfermeiros, levando em conta as diferenças geracionais e o contexto da Pandemia Covid-19, esta pesquisa revelou *insights* sobre as experiências desses profissionais. Os resultados destacam as particularidades vivenciadas por diferentes gerações e como o cenário pandêmico intensificou os desafios e impactos no bem-estar dos enfermeiros. Os dados da presente pesquisa contrariam, em certa medida, a literatura de diferenças geracionais, sugerindo

que o tipo de trabalho realizado pelos enfermeiros se sobrepõe às dimensões e variáveis de prazer e sofrimento no trabalho por eles vivenciados.

Como contribuições teórico-conceituais da pesquisa, frisa-se o fato de estudar as percepções de enfermeiros, no cenário atual de pandemia, e apontar para como estes estão se percebendo em seus espaços de trabalho. Este estudo destaca que, com exceção dos danos sociais, as experiências de prazer e sofrimento no trabalho são semelhantes entre enfermeiros jovens e experientes, contrariando a literatura que advoga pela existência de diferenças geracionais. Além disso, reforçam-se os estudos sobre as temáticas de prazer e sofrimento e de gerações, contribuindo-se para as agendas de pesquisa em curso.

Já como contribuição pragmática, já foi entregue para a empresa ENFA uma devolutiva, no formato de relatório gerencial, como rezam as Resoluções n^{os} 466 (CNS, 2012) e 510 (CNS, 2016). Neste documento, retornou-se a um diálogo com a empresa sobre como se configuram as vivências de prazer e sofrimento de seus enfermeiros. O objetivo é promover reflexões e estimular ações no campo da gestão de pessoas visando melhorar a situação de tais profissionais, bem como os resultados e a qualidade do serviço prestado.

Em termos de limitações da pesquisa, duas saltaram aos olhos, quais sejam: (1) as dificuldades advindas da pandemia, com impacto redutor na amostra final do estudo, mesmo se considerando ter-se obtido uma amostra estatisticamente representativa da população abordada; (2) a concentração em uma única capital brasileira, cujo trato da pandemia tem sido alvo de atenção de pesquisadores e gestores, em decorrência dos elevados níveis de contaminação e mortalidade, acima da média nacional. Este fato imprime outras reflexões, para além do estudo apresentado neste artigo.

Levando em consideração as limitações e contribuições deste estudo, e com o objetivo de fomentar futuras investigações nesse campo, sugere-se a realização de pesquisas que explorem a relação entre faixas etárias e as vivências de prazer e sofrimento no trabalho de enfermeiros em diferentes cidades e estados do Brasil. Essas pesquisas poderiam abranger tanto unidades de saúde públicas quanto privadas, incluindo profissionais contratados diretamente e por meio de terceirização, uma vez que os diferentes tipos de contrato de trabalho também podem influenciar a forma como esses profissionais se relacionam com suas organizações. Além disso, destaca-se a importância de estudos com abordagem qualitativa que possibilitem a coleta de dados mais profundos sobre as percepções de membros dessa categoria profissional, considerando possíveis razões subjacentes que expliquem similaridades e diferenças entre faixas etárias, em relação ao prazer e sofrimento no trabalho.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. Identidades juvenis: estudo, trabalho e conjugalidade em trajetórias reversíveis. In: PINHEIRO, D.; RIBEIRO, E.; VENTURI, G.; NOVAES, R. (orgs.). **Agenda juventude Brasil: leitura sobre uma década de mudanças**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2016, p. 19-59.
- ALMEIDA, M. A. R. Prazer e sofrimento no trabalho do enfermeiro hospitalar. **Revista Nursing**, v. 21, n. 247, p. 2482-2488, 2018.
- BARBOSA, J. K. D.; LARA, S. M.; PAIVA, K. C. M. O tempo é o mesmo para todos? Um estudo sobre percepções temporais com jovens trabalhadores de São Paulo (SP) e Curitiba (CR). **E&G Economia e Gestão**, v. 20, n. 55, p. 5-23, 2020.
- BOTTINI, F. F.; PAIVA, K. C. M.; GOMES, R. Resiliência individual, prazer e sofrimento no trabalho e vínculos organizacionais: reflexões e perspectivas de pesquisas para o setor público. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 19, n. 1, p. 45-57, 2021.
- BUSS, P. B. S.; SILVA, R. M.; BECK, C. L. C.; TRINDADE, L. R.; PRESTES, F. C.; COELHO, A. P. F. Prazer e sofrimento em trabalhadores de enfermagem da sala de recuperação pós-anestésica. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 23, (e-1192), p. 1-7, 2019.
- CAMPOS, J. F.; DAVID, H. M. S. L.; SOUZA, N. V. D. O. Prazer e sofrimento: avaliação de enfermeiros intensivistas à luz da psicodinâmica do trabalho. **Escola Anna Nery (online)**, v. 18, n. 1, p. 90-95, 2014.
- CARDOSO, A. C. M. Os trabalhadores e suas vivências cotidianas: dos tempos de trabalho e de não-trabalho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 72, p. 101-177, 2010.
- CARVALHO, D.; ROCHA, L.; BARLEM, J.; DIAS, J.; SCHALLENBERGER, C. Cargas de Trabalho e a Saúde do Trabalhador de Enfermagem: Revisão Integrativa. **Cogitare Enfermagem**, v. 22, n. 1, p. 1-11, 2017.
- CENTENARO, A. P. F. C. et al. Pleasure and suffering of nursing in COVID-19 hospital units: between disenchantment and formation of meanings. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 76, 2023.
- CNS - CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.
- CNS - CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.
- COSTA, F. M.; COUTO, M. T. Geração e categorias geracionais nas pesquisas sobre saúde e gênero no Brasil. **Saúde e Sociedade**, v. 24, n. 4, p. 1299-1315, 2015.

DARIO, V. C.; LOURENÇO, M. L. Cultura organizacional e vivências de prazer e sofrimento no trabalho: um estudo com professores de instituições federais de ensino superior. **Revista Organizações em Contexto**, v. 14, n. 27, p. 345-395, 2018.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez-Oboré, 2009.

DEJOURS, C. Psicopatologia do trabalho: psicodinâmica do trabalho. **Laboral**, v. 7, n. 1, p. 13-16, 2011.

DEJOURS, C. Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 3, p. 363-371, 2012.

DENCKER, J. C.; JOSHI, A.; MARTOCCHIO, J. J. Towards a theoretical framework linking generational memories to workplace attitudes and behaviors. **Human Resource Management Review**, v. 3, n. 18, p. 180-187, 2008.

DOURADO, M. S.; HONÓRIO, L. C. O trabalho de médicos oncologistas: evidências psicodinâmicas de prazer e sofrimento ocupacional. **Revista Gestão Organizacional**, v. 12, n. 2, p. 3-23, 2019.

FABRÍCIO, A.; CANEPPELE, N. R.; LOPES, L. F. D.; PASQUALINI, F.; SMANEOTO, C. A integração flexível e permeável entre o conflito trabalho-família e a ansiedade. **E&G Economia e Gestão**, v. 22, n. 62, p. 4-19, 2023.

FONTENELE, R. M.; SANTOS, C. M.; FREITAS, H.; COELHO, A. P. F.; MACIEL, A. S.; DOUAT, C. M. Vivência de prazer e sofrimento na equipe técnica em enfermagem do centro de terapia intensiva. **Enfermagem em Foco**, v. 11, n. 1, p. 158-163, 2020.

FORQUIN, J. **Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações**. São Paulo: SESC, 2003.

GLANZNER, C. H. *et al.* Avaliação de indicadores e vivências de prazer/sofrimento em equipes de saúde da família com o referencial da Psicodinâmica do Trabalho. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 38, n. 4, p. 1-9, 2017.

GONÇALVES, A. M.; VILELA, S. C.; TERRA, F. S.; NOGUEIRA, D. A. Atitudes e o prazer/sofrimento no trabalho em saúde mental. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 2, p.245-53, 2016.

HAIR Jr., J. F.; BABIN B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama - 2022**. Disponível em <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

KESSLER, A. I.; KRUG, S. B. F. Do prazer ao sofrimento no trabalho da enfermagem: o discurso dos trabalhadores. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 33, n. 1, p. 49-55, 2012.

MENDES, A. M. **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MENDES, A. M.; FERREIRA, M. C. Inventário sobre trabalho e riscos de adoecimento - ITRA: instrumento auxiliar de diagnóstico de indicadores críticos no trabalho. In: MENDES, A. M. (org.). **Psicodinâmica do trabalho: Teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 111-126.

MERLO, A. R. C.; MENDES, A. M. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 141-156, 2009.

MOTTA, A. B. Gênero, idades e gerações. **Caderno CRH**, v. 17, n. 42, p. 349-355, 2004.

NÓBREGA, M. P. S. S., SANTOS, J. C.; MENDES, D. T.; TIBÚRCIO, P. C.; RIBEIRO, B. F.; FERNANDES, C. S. N. N. Prazer-sofrimento de enfermeiros no cuidado à pessoa com transtorno mental e à família. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 25, (e-1417), p. 1-9, 2021.

OLIVEIRA, S. R. Ponto de Partida: a juventude e o ingresso no mercado de trabalho. In: FERRAZ, D. L. S.; OLTRAMARI, A. P.; PONCHIROLI, O. **Gestão de pessoas e relações de trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011, p. 89-112.

OLIVEIRA, S. R.; PICCININI, V. C.; BITENCOURT, B. M. Juventudes, gerações e trabalho: é possível falar em geração Y no Brasil? **Organizações & Sociedade**, v. 19, n. 62, p. 551-558, 2012.

PAIVA, K. C. M. **Gestão de recursos humanos: teorias e reflexões**. Curitiba: Intersaberes, 2019.

PAIVA, K. C. M.; SANTOS, J. A. C. Management of stress, pleasure, suffering and burnout at work. **Journal of Scientific & Industrial Research**, v. 79, p. 935-940, 2020.

PARRY, E.; URWIN, P. Generational differences in work values: a review of theory and evidence. **International Journal of Management Reviews**, v. 13, n. 1, p. 79-96, 2011.

PIMENTA, C. J. L. et al. Pleasure, suffering and interpersonal communication in the work of nurses in the hospital setting. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 29, 2020.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

SATO, A. S. W.; VIDEIRA, C. R.; MARTINS, L. N. F.; CARVALHO, L. T.; ANJOS, T. R. D. Criação de valor para funcionários de diferentes gerações em uma multinacional da área da saúde. **Revista Linceu On-line**, v. 10, n. 2, p. 103-117, 2020.

SILVA, A.; GONÇALVES, M.; ZONATTO, V. C. S. Determinantes de prazer e sofrimento no trabalho hospitalar: uma análise à luz da teoria da psicodinâmica do trabalho. **BASE - Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, v. 14, n. 3, p. 197–212, 2017.

SILVA, R. C.; DUTRA, J. S.; VELOSO, E. F. R.; TREVISAN, L. N. As gerações em distintos contextos organizacionais. **Gestão & Regionalidade**, v. 30, n. 89, p. 128-141, 2014.

SOUZA, N. V. D. O; CARVALHO, E. C.; SOARES, S. S. S.; VARELLA, T. C. M. M. L.; PEREIRA, S.R.M.; ANDRADE, K. B. S. Nursing work in the COVID-19 pandemic and repercussions for workers' mental health. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, p. 1-13, 2021.

TELES, P. A. S.; SANTOS, A. C. B. D.; BUARQUE, B.; ROCHA, A. R. S. A relação prazer-sofrimento no contexto de trabalho de startups, à luz da psicodinâmica do trabalho. **Revista Organizações em Contexto**, v. 17, n. 34, p. 271-301, 2021.

THOMÉ, L. D.; TELMO, A. Q.; KOLLER, S. H. Inserção laboral juvenil: contexto e opinião sobre definições de trabalho. **Paidéia**, v. 20, n. 46, p. 175-185, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, F. O. “Quem vê cara, não vê coração”: aspectos discursivos e eufemísticos da sedução organizacional que disfarçam violência e sofrimento no trabalho. **E&G - Revista Economia e Gestão**, v. 14, n.36, p. 194-220, 2014.

WICKERT, L. F. Desemprego e juventude: jovens em busca do primeiro emprego. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 26, n. 2, p. 258-269, 2006.

ZONATTO, V. C. S.; LUNARDI, M. A.; DEGENHART, L.; GONÇALVES, B. S. Efeitos das vivências de prazer e sofrimento patogênico no trabalho de profissionais da área de contabilidade. **Contextus - Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v. 19, n. 1, p. 270-289, 2021.